



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação

Léticia de Oliveira Lima

**Educação Ecomusical:
Onde música e meio ambiente se encontram**

Brasília
2023

Letícia de Oliveira Lima

**Educação Ecomusical:
Onde música e meio ambiente se encontram**

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo ensaístico apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação de Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva.

Brasília

2023

TERMO DE APROVAÇÃO

Letícia de Oliveira Lima

**Educação Ecomusical:
Onde música e meio ambiente se encontram**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo ensaístico submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 14/02/2023.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (UnB/FE)

Professora Mestre Daiane Aparecida Araújo de Oliveira (UnB/FE)

Prof.^a Mestre Viviane Vieira Alves de Melo (UnB/GEPPE)

Leandro José de Carvalho (SEEDF- Suplente)

Brasília

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

L698e

Lima, Letícia de Oliveira.

Educação Ecomusical : onde música e meio ambiente se encontram / Letícia de Oliveira Lima; orientador Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2023.

34 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação - Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2023.

1. Educação. 2. Educação musical. 3. Paisagens sonoras. 4. Ecologia. I. Título.

CDD 370

“Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.”
(Ailton Krenak)

Para todos que me acompanharam nessa trajetória de vida, meus agradecimentos eternos! Meu amor e carinho para meu avô Edmo, minha mãe Maristela, meu irmão João Pedro, meu amado companheiro Fernando, e nosso cachorrinho Marley, meus amigos, amigas e amigos queridos, e meu afilhado, Nicolas. Meu pai, Iran e minha querida irmãzinha Ísis. Vocês foram meu porto seguro, meu ancoradouro e meu farol, e por isso, nunca serei capaz de agradecer o suficiente. E que minha avó Helena, que partiu cedo, e nos marcou eternamente com seu amor, esteja lá no céu nos abençoando!

Dedico a todos aqueles que acreditam na força da educação ambiental, na magia transformadora e criadora da música e na capacidade que ela tem de nos unir e nos fazer sentir a grandiosidade da musicalidade. Que ela sirva para inspirar cada um de nós a criar e construir um mundo melhor, um lugar mais harmonioso e saudável para todas as formas de vida.

AGRADECIMENTOS

A todos que me ajudaram a escrever este TCC, quero aproveitar esta oportunidade para agradecer sinceramente.

Primeiro e mais importante, agradeço a Deus, às forças dos Orixás e guias, por me guiarem e protegerem nesta jornada.

Aos meus pais por me permitirem tocar um violão 3x maior que eu e incentivar esta exploração de minha musicalidade.

A minha mãe, Maristela pelo seu apoio incondicional, pelos seus conselhos e abraços, por ser essa inspiração de mulher, de trabalhadora e pensadora, eu te amo.

À minha vó, Maria Helena, pela cantoria, por me criar como filha e por seu amor e suporte e meu Avô Edmo, por estar ao meu lado, por acalmar meu coração e entrar nessa comigo, pelos momentos de conversa, pelo cafezinho que me dava o gás para continuar lendo e escrevendo, e aos dois, por me carregarem para todo pedaço de natureza que podiam, amo vocês.

Agradeço à minha família por embarcar nessa experiência sonora comigo, Gigi, tia Mariza, por escavarem registros comigo, tenho todos no coração.

Agradeço a meu companheiro Fernando por toda paciência ao me escutar repetidamente "esse trecho tá fazendo sentido? o que você entende dessa frase? escuta esse som!!!" e por sempre me encorajar e acreditar em mim, eu te amo.

Agradeço aos meus amigos, meu grande amigo Misael, por me apresentar a edição de áudio e ter paciência em me explicar sobre esse mundo incrível dos sons eletrônicos, aos amigos que ouviram e refletiram comigo, me fortaleceram, aprendemos juntos o que está nestes textos, guardo todos vocês no coração.

Agradeço a professora Pederiva, por acreditar em mim, por orientar e nos fortalecer com palavras e ações; por fazer com que eu me tire o melhor de mim. Pat você é maravilhosa, e revoluciona a educação todos os dias, obrigada por ser uma inspiração como professora e como pessoa! Tenha certeza de que guardo seus ensinamentos na memória e no coração.

Por fim, agradeço aos meus companheiros de TCC, por ouvirem, me fortalecerem e colaborarem com este trabalho. Vocês foram imprescindíveis para o sucesso desta empreitada. Muito obrigada a todos que me ajudaram!

RESUMO

Este ensaio reflete sobre as relações e algumas concepções de Educação Ambiental, música, musicalidade e como estas temáticas podem se integrar. Será discutido o papel das dimensões culturais, educativas, sociais e éticas na formação das relações humanas com a natureza a partir do diálogo com autores como Vigotski, Murray Schafer e Patrícia Pederiva. Além disso, a reflexão abordará como a Educação Ambiental Crítica (EAC) deve focar na apreciação, contemplação e reflexão crítica para criar conexões com a terra e seus seres, e promover a emancipação e consciência social. Por fim, será abordado como a música e musicalidade podem se relacionar com a EAC, para que a conscientização ecológica atravesse o processo de construção da musicalidade, tanto individual como coletiva, e que abrange ações humanas, animais e outras formas da natureza. Este ensaio também dialoga a partir da construção de um memorial sonoro sobre temas como experiência estética, educação musical e ambiental. Além disso, busca compreender como a atenção sonora pode contribuir para a integração de temas educativos, através da construção da musicalidade dos estudantes, e da valorização da apreciação acima da moralização.

Palavras-chave: Educação. Educação musical. Paisagens sonoras. Ecologia.

ABSTRACT

This essay reflects on the relationships and some conceptions of Environmental Education, music, musicality and how these themes can be integrated. The role of cultural, educational, social and ethical dimensions in the formation of human relationships with nature will be discussed, starting from a dialogue with authors such as Vygotsky, Murray Schafer and Patrícia Pederiva. Furthermore, the reflection will address how Critical Environmental Education (EAC) should focus on appreciation, contemplation and critical reflection to create connections with the land and its beings, and promote emancipation and social awareness. Finally, it will be discussed how music and musicality can relate to EAC, so that ecological awareness crosses the process of constructing musicality, both individual and collective, and includes human, animal and other forms of nature. This essay also dialogues from the construction of a sound memorial on themes such as aesthetic experience, musical and environmental education. In addition, it seeks to understand how listening can contribute to the integration of educational themes, through the construction of the musicality of the students, and the appreciation beyond moralization.

Key-words: Education. Musical education. Soundscapes. Ecology.

LISTA DE FIGURAS

QR Code 1 – Memorial Sonoro	15
QR Code 2 - Escute este som	27
Figura 1 - Aquarela	28
Figura 2 – Macaco assustado	29

SUMÁRIO

1 A VIDA DE QUEM LHE ESCREVE.....	13
2 ANTES DE MAIS NADA, QUAL EDUCAÇÃO AMBIENTAL?	16
3 TRECHO SOBRE MÚSICA E MUSICALIDADE.....	20
3.1 O que é música? E musicalidade?.....	23
3.2 Ecomusical: onde música, musicalidade e educação ambiental se encontram ...	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 A VIDA DE QUEM LHE ESCREVE

Descrevo neste segmento um recorte das lembranças e histórias que escutei ou lembro sobre minha vida, minha relação com os ambientes, pessoas e com a música. Minha família materna, veio de Ipameri e Pires do Rio de Goiás para Brasília. Com nosso histórico familiar de casa cheia, graças ao avô Edmo, e minha falecida vó Maria Helena, juntos conceberam 5 filhos, e atualmente possuem 11 netos e 2 bisnetos. Moro na casa dos meus avós desde que nasci, e tive a oportunidade de ter duas figuras maternas, e por alguns anos 2 figuras paternas.

Não me recordo de ser ninada para dormir, ou músicas que cantavam para mim quando bebê, mas lembro de meu pai contando como as 2 horas da manhã eu me levantava e pedia para assistir “MTV”, canal esse que passava 24h tocando músicas. Me recordo da euforia quando escutava o som da entrada do desenho do pica-pau na tv aberta. E como minha vó assobiava quando estava trabalhando em casa. Lembro dos dias de brincadeiras em que só podíamos falar cantando, era hilário, e criávamos rimas malucas, ríamos de quem não estava entendendo por que cantávamos, e de adultos que entravam na brincadeira para falar cantando também.

Com ou sem motivo para celebrar, as reuniões de família para tocar violão e comer acontecem até hoje, não na mesma frequência. Recordo-me enquanto criança com muito sono, e escutando de fundo meu tio no violão e todos o acompanhando em coro “*La belle de Jour* é a moça mais linda de toda a cidade, e foi justamente pra ela que eu escrevi o meu primeiro *blues*...”¹ e assim, o coral de vozes da minha família me embalava no sono profundo.

Existe ainda uma cantora que me marcou a vida. Desde pequena escutei minha avó cantando, cantarolando, assobiando várias de suas músicas. Pegava o Cd de Clara Nunes para escutar até decorar a letra de “Feira de Mangaio”. Me encantava com sua voz potente, com os instrumentos que acompanhavam e traziam a melodia do samba, dos terreiros para suas canções. Quando saía da escola, o violão de minha mãe era meu companheiro, passava muitas tardes compondo, sozinha e com meus primos, buscando harmonias e criando a partir de revistas de sertanejo que ela possuía.

Desde a infância os sons da natureza soavam como música, e como bell Hooks (2013) elucida, as vezes praticamos algo (ela exemplifica com o feminismo) sem

saber o nome científico daquilo. Sem saber podia perceber os contrastes sonoros entre o cerrado e a cidade. Além da audição, todos os sentidos a preferiam natureza.

Me lembro de momentos frente a fogueira, com a família cantávamos, contávamos piadas, histórias são reais mas parecem história de pescador. Outras fogueiras do grupo de escoteiros, tinham esquetes, canções, uma em específico me emocionava imensamente. “Não é mais que um até logo, não é mais que um breve adeus, bem cedo junto ao fogo, voltaremos a nos ver...”. Não visitava com frequência espaços rurais, de natureza abundante, mas vivia para esperar o dia de entrar no carro e só parar no meio do Cerrado, sem internet, sem o som da cidade, vendo e ouvindo os animais.

Na fazenda Cedro, de minha tia-avó, explorei cada centímetro, sempre observando e interagindo com a natureza. Eu amava (e amo) estar em contato com a natureza, caminhar, nadar no rio, buscar pedrinhas, o som da chuva no telhado, o vento e o cheiro de natureza, balançando na rede e brincando, buscávamos por sapos e vagalumes, cigarras cantando quando a noite caía, apreciávamos as estrelas que reluziam à noite, escutávamos histórias das avós(ôs), tias-avós (ôs).

Na escola, as visitas a parques, áreas de conservação aconteciam raramente, quando aconteciam eram para zoológicos, ao parque nacional, e jardim botânico. Eram experiências diferenciadas, hoje reconheço o zoológico como espaço de limitação de vidas não-humanas para o entretenimento humano. Os parques de Brasília são um local lindo, para entrar e ver a natureza do Cerrado, com trilhas diversas, uma paisagem visual, sonora, olfativa e táctil muito potente para o trabalho educativo e o desenvolvimento.

Ainda na época da escola, a música estava presente nos momentos de lanchar, soneca, ir embora. As professoras(es) criavam paródias, nos passavam a atividade de pensar paródias musicais, E não poderia não falar dos eventos escolares, tenho lembranças de amar dançar na infância. Na educação infantil a escola tinha classes para aprender sapateado. Eu lembro de achar incrível o barulhinho agudo que fazia meu pé em contato com o chão. Veja lá, estava sem saber, aprendendo sobre os materiais, movimento, escutando um som agudo e criando um repertório auditivo. Mais tarde o som das castanholas me lembrou muito o som agudo do sapato e comecei a escutar músicas flamencas.

Na faculdade meu contato com disciplinas que debatiam meio ambiente e música aconteceram por busca minha. No currículo do curso de Pedagogia existe a disciplina de Fundamentos de Educação Ambiental, que é optativa. Antropologia da Educação dialoga com o tema ambiental a depender dos professores, o enfoque da disciplina é a relação histórica do homem e como isso afeta a educação. Percebi que as artes são menosprezadas no currículo de formação do pedagogo, existem poucas disciplinas, no entanto “fundamentos da linguagem musical na educação” com a professora e orientadora deste ensaio, Patrícia Pederiva, trouxe um novo olhar sob a perspectiva da musicalidade na infância e na vida.

Ao longo da construção deste ensaio, a escrita não estava parecendo suficiente, senti a necessidade de expressar o passado de outra forma. A ideia de construir um memorial sonoro surgiu durante a leitura de “O ouvido pensante” escrito pelo educador canadense Raymond Murray Schaffer (1992). Em suas aulas, ele questionava os estudantes sobre as propriedades do som, e minha vontade era estar na sala para ouvir junto a eles. A partir dessa sensação, tive o insight para criar, ainda que em um pequeno recorte sonoro, um memorial para emaranhar você leitor(a/e) com a vibração das músicas, vozes, ruídos, interferências presentes na paisagem sonora da minha vida.

Diante de todas essas experiências que me constituem enquanto pessoas, esse trabalho visa fazer um ensaio reflexivo sobre educação, ambiente e educação musical.

QR Code 1 – Memorial Sonoro



Fonte: Autoria própria

2 ANTES DE MAIS NADA, QUAL EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

*“Ecologia sem luta de classes é jardinagem”
(Chico Mendes)*

Para fazer um elo entre Educação Ambiental (EA) e música, devemos retroceder um momento e refletir de qual EA falamos, dado que a própria nomenclatura é problemática. Em virtude de existirmos, e a educação sempre acontecer no ambiente, o termo “Educação Ambiental” passa a ser redundante, como aponta Pelizzoli (2002). Essa separação surge da segregação entre natureza/cultura, no entanto nossas ações culturais, também afetam o natural e assim “A maior parte dos objetos que nos rodeiam, incluindo nós mesmos, encontram-se nesta situação intermediária: são naturais e culturais ao mesmo tempo.” (DESCOLA, 2016, p.1)

Uma de suas definições oficiais para a EA, está descrita na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei 9795/99, e diz que a Educação Ambiental,

Compreende os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências **voltadas para a conservação do meio ambiente**, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999, grifo meu).

O enfoque da política sobre a EA é importante, pois mostra que a dimensão ambiental está descrita na lei como um meio (aprendizagem) para um fim (conservação do meio ambiente). Somente 13 anos depois da PNEA (1999) que se estabeleceram as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental (BRASIL, 2012), o governo reconhece a importância do “Aprofundamento do pensamento crítico-reflexivo [...] em contraposição às relações de dominação e exploração presentes na realidade atual” (MEC. CNE, 2012).

O autor José Sacristán, em seu livro dos anos 2000 chamado "O currículo: uma reflexão sobre a prática", discute a ideia de currículo prescrito, que diz respeito ao conjunto de objetivos, conteúdos e metodologias que é definido pelo Estado para a área da Educação. Nesse sentido, é possível relacionar essa noção com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil, que estabelece as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes em cada etapa da educação básica. No entanto, vale lembrar que o currículo prescrito não é o único determinante do que é ensinado nas

escolas, existem diversos fatores que influenciam a prática pedagógica, como outras etapas do currículo, o chamado currículo oculto e as escolhas dos professores.

Ainda que a proposta da Diretriz Curricular mencionada seja adequada, atualmente a educação brasileira possui um currículo prescrito, nomeado Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que deveria alinhar-se as leis e políticas educacionais, o que não se aplica a EA. A base, não ingenuamente generaliza e conduz a discussão ambiental para disciplinas como ciências, geografia e história, quase ignorando sua presença nas outras áreas do conhecimento, principalmente nas artes.

Os dados apontados exemplificam, que a EA descrita nas leis e políticas brasileiras, ainda que discorra sobre reflexão crítica e ação por justiça socioambiental, tem por manifestação curricular a BNCC, que orienta Projetos Políticos Pedagógicos - PPP, Currículos da escola, livros didáticos etc. que desenvolve em seu texto mais sobre educação empreendedora, do que sobre a implementação da EA de forma trans, pluri e multidisciplinar. “Trata-se de escolha política centrada no afastamento crítico da educação das questões próximas ao cotidiano socioambiental das escolas, principalmente públicas. (PICCININI; ANDRADE, 2017).

A premissa dos documentos oficiais possui uma perspectiva pela corrente recursista, dado que existe uma preocupação meramente administrativa dos “recursos” naturais, como gestão ambiental (SAUVÉ, 2005), objetivando o insincero “desenvolvimento sustentável” proposto pelo capitalismo. Ideologia esta que **não** busca a transformação dos modos de ser, mas justifica-os e responsabiliza o indivíduo pelas práticas e consequências que também são coletivas, e considera educação ambiental de forma acrítica e moralizante.

Ainda que as políticas mostrem certo retrocesso nas pautas ambientais, deve-se também compreender que a EA, como a vida, não é estática. O próprio conceito se ressignificou historicamente. Sauv  (2005) segmenta correntes mais conservadoras, antropoc tricas como a naturalista, conservacionista/recursista, resolutista, sist mica, científica, humanista, moral/ tica. E correntes mais contemporâneas como a biorregionalista, holística, prática, crítica, feminista, etnográfica, ecoeduca o, sustentabilidade.

Pela reflexão dos aspectos descritos, considera-se que toda educação é ambiental, até aquelas mascaradas num discurso de conservação falacioso. A partir disso “falar simplesmente “educação ambiental” pode não ser suficiente para se entender o que se pretende com a prática educativa ambiental” (LOUREIRO, 2006, p.27). A EA crítica vai de encontro a perspectiva conservadora da lei, e destaca que, as relações humanas com a natureza acontecem “por meio de dimensões que criamos na própria dinâmica de nossa espécie e que nos formam ao longo da vida (cultura, educação, classe social, instituições, família, gênero, etnia, nacionalidade etc.)” (LOUREIRO, 2007, p.55).

A concepção que orienta a pedagogia da Educação Ambiental Crítica - EAC, bebeu de teorias marxistas, dessa forma é conveniente pontuar que:

[...] a dialética marxista é um instrumento de entendimento e ação na realidade, se constituindo numa visão de humanidade, sociedade, natureza e mundo que **não separa sociedade-natureza**. Muito pelo contrário, é nesta que se afirma a realidade complexa e dinâmica, em que os entes se constituem em relações das quais emergem a **unidade e a particularidade** (COSTA e LOUREIRO 2007, p. 170 apud LOUREIRO, 2006, p. 86).

Partindo dessa reflexão, em conformidade com a visão da EAC, para sua confluência com a música e musicalidade, o presente ensaio, necessita dialogar com autores cuja metodologia se aproxime da perspectiva de EA proposta. A teoria de Vigotski afirma que a aprendizagem é mediada por meio de relações sociais, o que significa que o ambiente em que as pessoas estão inseridas desempenha um papel importante na aquisição de conhecimentos. Sendo assim, uma teoria coerente para as futuras reflexões.

Na escola, tanto a arte quanto a educação ambiental com visões conservadoras tendem a moralização, a intensificação de dicotomias, bem como “transforma-se em regra pedagógica a transferência da atenção do aluno **da obra** para seu significado **moral**.” (VIGOTSKI, 2001, p.14, grifo meu) A educação ambiental e artística não deve focar aspectos morais e sim valorizar aspectos que lhes foram ignorados, reconhecer o senso estético que existe na própria vida, a contemplação, apreciação, reflexão crítica, para criar conexão (consigo, com o outro, com a terra e seus seres) e pertencimento. Vigotski (2001) aponta que, a interpretação das crianças de uma literatura infantil moralizante nem sempre alcança o objetivo moral proposto. A cigarra passa a ser mais interessante que a formiga,

e com a EA devemos ter cautela, na medida que podemos mirar a conscientização ecológica e acertar a descrença de uma solução para a humanidade.

Em seguida buscarei justamente refletir e dialogar com autores sobre noções de música, musicalidade e como o elo transdisciplinar com a Educação Ambiental (crítica) se faz possível.

3 TRECHO SOBRE MÚSICA E MUSICALIDADE

“Os pássaros cantam, a floresta canta, os povos cantam, a gente canta, e o som do rio é a grande orquestra de estar vivo” (Maria Gadú)

Com o objetivo de compreender por que o som é tão importante para nós, como ele afeta o desenvolvimento da musicalidade, ainda como a natureza está envolvida nesse processo me debrucei em leituras e reflexões. Dessa forma, para melhor organização, este capítulo do ensaio estará seccionado. Uma discussão não estará desvinculada da outra, muito pelo contrário, se complementarão. Para iniciar, falaremos sobre o som, silêncio, reflexões sobre os sons naturais e sons industriais.

Em seguida, busco aprofundar mais, embasada nos escritos de Vigotski (2001) sobre percepção estética, Pederiva (2009) sobre música e musicalidade, e Murray Schaffer (1992) sobre música, e paisagem sonora e daí, trazer reflexões que expressem como o desenvolvimento da musicalidade através da exploração sonora está em conformidade com a Educação Ambiental Crítica, além de ultrapassar os limites propostos pela educação musical escolarizante.

Pode-se aprender muito com povos originários, comunidades tradicionais, Quilombolas etc. tanto a habitar a natureza, nos relacionar com os seres não humanos, bem como compreender outras formas de pensar e desenvolver a musicalidade.

Por fim, busco sintetizar em outro trecho, os caminhos e possibilidades da educação musical atrelada a EAC, que carinhosamente nomeei de Educação Ecomusical, e através dela trazer algumas possibilidades para se aplicar com intencionalidade e valorizar a história, cultura e vivência de quem ensina e de quem aprende.

Som e paisagem sonora

Letícia de Oliveira Lima

A primeira música, é pura conexão
O respirar da mãe, o pulsar do coração
No ritmo dos passos, no tempo da cantiga
O bebê escuta de dentro, algo de fora que vibra.

Mas som da cidade é sempre acelerado
Movimentado e inquietante, cansativo
Dentro da mãe tem um som mais silencioso
Mais esquecido, oculto e tranquilo.

No meio da cidade, o som do trovão soa
Dando novas texturas à paisagem
A natureza habita lá, não é à toa
Que o bem-te-vi também canta na cidade.

Antes bebê, hoje em eterna busca
Algo, que lembre que soe como a música
Aquela primeira que conecta, que acalma
O som que nos traz de volta para casa.

Talvez exista som que faz lembrar
Que acaricie os ouvidos até a alma arrepiar
Que na natureza, a memória é uma bússola
Recorda no som da água aquela longínqua música.

Nesta poesia, busquei externalizar a sensação que tenho, de que o som da água, proporciona um encontro com sons percebidos por nós desde o ventre, até muito antes dele, na história humana evolutiva, afinal, nossa adaptabilidade para ouvir é surge desta forma de. Atualmente, existem músicas direcionadas para meditação, estudo e concentração, e o som da água está sempre presente nestas criações. Aparece diversificado, ora chuva torrencial com trovões, ora garoa leve sobre o telhado, ou o som de uma cachoeira, de um rio, até mesmo com o “pau de chuva”, instrumento que possui miçangas, bolinhas ou sementes e ao ser movimentado busca replicar o som reproduzido pela chuva.

A citação de Murray Schafer, "O som corta o silêncio (morte) com sua vida vibrante" (SCHAFER, 1992, p.61), evidencia sobre a relação entre som e silêncio, e auxilia a compreender o próprio papel desempenhado pela música no contexto social. "O som desempenha um papel fundamental na maneira como as sociedades se expressam e é o fundamento da voz coletiva do mundo natural, da música e de todo tipo de ruído acústico" (KRAUSE, 2013, p.13).

Schafer (1993) traz em seu livro "O ouvido pensante" a teoria de que o silêncio se tornou valioso para a sociedade atual na medida que os sons industriais ocuparam seu espaço (SCHAFER, 1992). Curiosamente, como descrevo no memorial, minha família tem um histórico de casa cheira, de vozes marcantes cortando o ar em busca de serem ouvidas. Ao refletir sobre os sons em minha vida, minha expressão a partir deles, percebo que a presença de sons em minha vida, tanto nas vozes, quanto nos sons dos carros passando na rua, motos, buzinas etc.; me constituiu uma pessoa que ao mesmo tempo valoriza muito momentos de silêncio, como sinto certo constrangimento com ele.

Enquanto o silêncio é percebido como morte para o autor, o som provém da vibração, com a qual ocorre o despertar da consciência entre o ouvinte e o meio. Por isso, o som torna-se intenso e vivo, conectando realidade e imaginação através de sua vibração. Neste exercício de conhecer, e relembrar os sons a minha volta, conheci não somente eles, mas a mim também. De modo que, a percepção, reação e expressão artística a reação catártica ocasionada pela organização intencional dos sons, músicas e paisagens sonoras, se expandiu para toda família, e a experiência impactou a todos de maneiras singulares, diferentes percepções, e reações individuais, "e essa atividade peculiar, ligada aos estímulos estéticos, é que constitui a natureza da vivência estética" (VIGOTSKI, 2001, p. 16)

Schafer (1992) nos convida a ouvir os sons, atentamente, e listá-los, da mesma forma que fez com seus estudantes. No caso deles, analisaram uma série de obras de arte e tentaram extrair delas os possíveis sons que os seres humanos ouviam naquele período. Após a listagem, os estudantes puderam comparar os sons de sociedades ancestrais e modernas, chegando à conclusão de que houve uma brusca mudança entre a quantidade de sons naturais que se ouvia, em comparação aos sons de utensílios e tecnologia. Ainda sobre o silêncio ele diz: "Nós o estamos deixando escapar" (SCHAFER, 1992, p. 59).

A prática educacional proposta por Murray Schafer (1992) pode ser usada para melhorar o desenvolvimento musical por meio da percepção. Ele denominou “limpeza de ouvidos” e ajuda a desenvolver a percepção dos sons e a criar uma compreensão mais clara e profunda dos elementos sonoros. A prática envolve a interpretação consciente e após a escuta atenta aos sons da paisagem sonora, a conversação sobre os sons ouvidos, possibilita aos estudantes a interpretação do que escutam. Vale ressaltar que, o estudo da paisagem sonora para o autor caminha desde um ambiente, até a paisagem sonora de uma Música.

Ele considera o som um meio de comunicação e estimulação que é compartilhado pelos seres humanos e pelos animais. Patrícia Pederiva (2009) demonstra, em sua tese, que os animais possuem musicalidade e os seres humanos também. E, na cultura, os seres humanos conseguem desenvolver a sua musicalidade, diferentemente dos outros animais.

3.1 O que é música? E musicalidade?

Embora os seres humanos sejam geralmente reconhecidos pela música e musicalidade, como mais expressivos neste sentido, estudos de Patrícia Pederiva (2009) comprovam que outros animais podem se expressar através de comportamentos próximos a música e que tal fenômeno não é exclusivo ao ser humano. Em seus estudos, ela mostrou que diversos tipos de aves e primatas têm habilidades que lhes permitem modificar o seu canto ou a sua música de forma a se comunicar com outros indivíduos de sua espécie. Em diálogo com Hauser (2001), citado por Pederiva (2009) descreve que:

Os animais partilham do mundo da música e da musicalidade. Para o autor, música é a voz do coração, e para compreender a musicalidade humana, seria necessário incluir a musicalidade nos animais, que também possuem suas manifestações sonoras. (HAUSER, 2001 citado por PEDERIVA, 2009).

Além disso, tais animais são capazes de refletir sobre o significado das músicas ouvidas ao seu redor e ainda apresentam alterações na composição das suas próprias músicas. Nos estudos de Pederiva (2009), ela notou a capacidade dos animais não humanos de realizarem atividades musicais, além de serem capazes de reconhecer a outras espécies por suas canções e perceber a musicalidade particular dos sons emitidos por outros seres vivos. Portanto, podemos concluir que a musicalidade, para seres humanos e outros animais, é algo que se aprende através do ensino e do ambiente.

Considerar que existe intenção, e ainda aliar a noção presente no art. 2º do código civil de que animais não humanos são seres sencientes, que sentem, se emocionam e apreciam, e nos dá base para afirmar que a musicalidade está presente em todos os seres humanos, uma vez que “A amusicalidade é apenas uma denominação histórico-cultural dos modos de musicalidade que não se apresentam de acordo com a norma” (PEDERIVA, 2009).

Partindo dessa premissa, de que a musicalidade está presente em todos nós e que “não se trata de um dom para alguns. É um dom para todos” (PEDERIVA, 2009). A música não foi criada do nada, ela foi percebida. Estudos apontam que a musicalidade estava presente de forma anterior, em nossa linhagem histórica, e o livro “os neandertais cantantes” descreve sobre o tema. A arte (rupestre) e a linguagem sempre foram objetos de estudo da arqueologia, a música, no entanto, demorou a ser considerada objeto de estudo sobre o processo evolutivo de espécies irmãs do *Homo Sapiens*. (MITHEN, 2006). O ‘tum tum’ do coração, o caminhar ritmado pela floresta, o chacoalhar das árvores, e a relação ritmada, ordenada com o meio através da ação, certamente impulsionaram o desenvolvimento musical dos antepassados.

A música possui objetivos que superam a ideia de expressar emoções, ela é uma forma complexa de comunicação, e quando os instrumentos ainda eram limitados ao corpo, gravetos, pedras etc. seu significado já era profundo, de conexão com o eu, com o outro, com o meio. O processo de evolução para o que a música é hoje, diz respeito a percepção estética dos nossos antepassados dos elementos presentes na natureza-meio, e na natureza-humana. Vigotski (2001, p.20) confirma essa discussão ao dizer que desde os períodos mais ancestrais de nossa formação a atividade estética “foi entendida como uma catarse, isto é, como uma resolução e uma liberação do espírito das paixões que o torturam”.

Daí surge a crítica, sobre como a escola reconhece a música e a musicalidade buscando atender a conveniência da organização, ordem, e do próprio “mercado escolar” que utiliza as artes como marketing. Um exemplo pessoal para corroborar com esta afirmativa diz respeito as minhas experiências com aulas de música em diversas escolas particulares. Todas utilizavam das artes para propaganda, já as aulas se limitavam a ouvir vídeos no *youtube*, ensaios para apresentações (que focavam os pais), não se discutia sobre as músicas. Numa das escolas, as crianças eram obrigadas a comprar uma flauta, e por 2 anos não se tocou na flauta, muito pelo contrário, mesmo querendo usar o

instrumento sem instruções, por curiosidade sobre os sons, as crianças eram proibidas de tocar e até mesmo punidas verbalmente se o fizessem.

Existiam espaços musicais com milhares de instrumentos, todos empoeirados, pendurados nas paredes. As crianças eram obrigadas a sentar em círculo e ver o professor (a) de música tocar algum instrumento. Esta propagação da musicalidade e da música não possibilitou as crianças aquela conexão profunda e catártica através da atividade musical, nem mesmo considerou quais músicas elas ouvem, quais são suas preferências, o que a música representa para elas. Não somente a educação musical escolar, mas também em outros espaços de educação musical ela “deve ser uma educação estética criadora e que proporcione a cada um, com base na igualdade, na vontade, na liberdade, na ética, na imaginação” (PEDERIVA, 2009) de modo que a nossa musicalidade sirva de potência para essa experiência na escola.

A música é uma arte que promove a organização social de maneira única. Surge para organizar a tensão gerada pelo trabalho (PEDERIVA, 2009) e desenvolveu-se de modo a possibilitar a criação sentidos e de novos sentidos através dela. É uma arte que nos possibilita sentir a emoção estética, e nos adentrar na paisagem sonora fantasiosa, e sentir a tensão e o medo de num filme de terror, a tristeza e melancolia de um autor. E tudo isso de maneira singular. Ela também desperta a consciência para as nossas ancestralidades e raízes culturais. “A arte é o instrumento mais forte na luta pela existência” (PEDERIVA, 2009).

E através da proposta de ação musical que ultrapassa a prática escolarizada, em coerência com a formação ambiental crítica, a educação Ecomusical surge como possibilidade para lutar por essa existência e resistência estética e socioambiental. Na sequência, discutiremos sobre as possibilidades e caminhos da educação Ecomusical e seu potencial na busca por desfragmentar a educação musical, e unir a pauta ecológica, através de reflexões e práticas possíveis para a proposta, considerando todas as reflexões apresentadas ao longo deste ensaio.

3.2 Ecomusical: onde música, musicalidade e educação ambiental se encontram

Enquanto escrevo os carros passam pela pista molhada

Os pássaros cantam e anunciam que a chuva acabou

A televisão no quarto ao lado avisa da invasão no congresso nacional

De perto escuto a vibração do celular

Meu cachorro deitado num sono profundo roncando alto

O barulho das teclas do computador que compõe a grande orquestra onde vivo.

(Letícia de Oliveira Lima)

Gostaria de solicitar, que para neste momento de experiência, possamos dividir e aprender juntos. Para entrar nesse mundo sonoro peço, se possível, que use um fone de ouvido para que essa prática esteja focada nestes sons. Sua percepção pode ir além do que estará descrito, certamente irá, a partir das suas percepções e vivências com a vida, e trará reações mais complexas do que eu poderia explicar, mas honestamente, adoraria saber delas.

Qual sons você ouviu antes de ler este ensaio? Como você os descreve? Como os imitaria com a voz? (Acabo de escrever esta pergunta e começo a rir tentando imitar o som do teclado enquanto escrevo, “Tec, tec tec, tec”) Existem músicas que tocam com frequência nas paisagens que você vive?

É recente para mim o contato com o termo paisagem sonora. Aconteceu na aula de “Fundamentos da linguagem musical na educação”. A professora Pederiva nos levou a esse processo de descoberta da musicalidade que já estava em nós. Este em si, é o exercício da aprendizagem pelo estímulo, pela preparação do ambiente com a intencionalidade de trazer à tona essa musicalidade. A experiência de perceber não só a minha, mas dos colegas, da professora, dos ilustres visitantes foi singular, embarcamos juntos numa descoberta que me trouxe aqui, para buscar trazer algumas experiências que possam ser significativas como foram as de Pederiva e toda a turma.

Compreender o ambiente sonoro a sua volta, buscar sons que estão sempre nas paisagens que te envolvem é um exercício necessário para a educação Ecomusical. Através dele conhecemos não só o ambiente, mas como os objetos interagem entre si, como essa interação afeta você de forma física, psíquica e emocional. Quais são os sons que você removeria da paisagem sonora que vive? Neste exercício, eu certamente removeria muitos sons industriais que apagam da paisagem da minha casa/rua outros sons que me trazem muito mais calma, relaxamento. Sons de carro freando acontecem com frequência aqui. Você acha que é possível modificar a paisagem sonora de onde vive?

QR Code 2 - Escute este som



Fonte: Autoria própria

Você acredita que esta paisagem é natural? Ou que foi construída com instrumentos? Qual foi a impressão geral que você teve ao ouvir o áudio? Você achou o áudio agradável ou desagradável? Você sentiu que havia algum ruído ou eco? Você conseguiu identificar todos os sons presentes no áudio?

Ao realizar esse tipo de prática em sala de aula instigamos os alunos a ouvir com mais atenção e concentração, melhorando assim sua capacidade de identificar as nuances musicais, como timbres, ritmos e melodias. Este exercício de escuta, aliado às perguntas, é um passo inicial importante para trabalhar a percepção sonora dos estudantes e colocá-los como protagonistas da reflexão. Considerando que somos sujeitos singulares, certamente as memórias associadas a sons como este são diferentes, no entanto existe uma convenção histórica e cultural dos sons que pode favorecer a definição de sons

similares ao escutado como “ambiências assustadoras”. Meu irmão, João Pedro, escutou este som e caracterizou como “medonho”.

Claro que nossa imaginação é bombardeada de referências similares, no entanto, a maioria destes sons foi feito por mim, com a boca, e uma caixa de pizza cheia de sementes, utilizando um celular e um fone de ouvido.

Uma proposta de sequência didática em sala de aula é a de ouvir atentamente o som proposto para então, dialogar, refletir sobre as características destes sons, e buscar referências imagéticas para tal, através de um desenho ou imagem, e por fim, engajar uma listagem destes sons apresentados com o objetivo de reproduzi-los coletivamente em sala.

Figura 1 – Aquarela



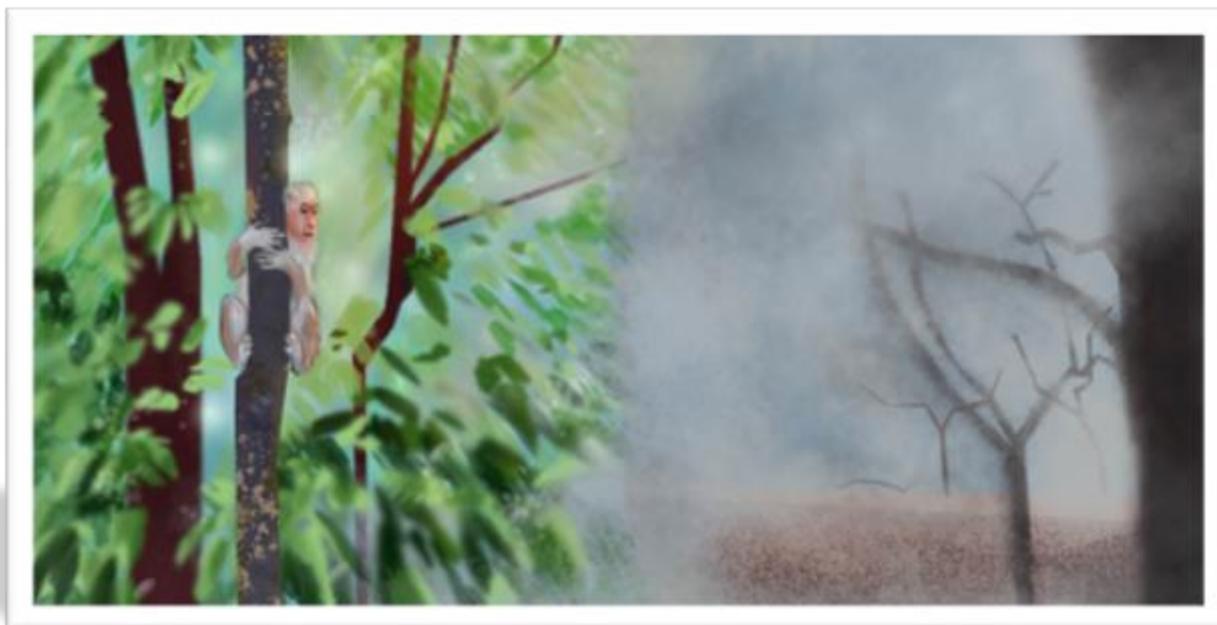
Fonte: Autoria própria

Uma ilustração e uma lista de perguntas também pode ser provocação suficiente para a imaginação, as lembranças de quem já foi ao mar, as lembranças dos

sons similares, rios, córregos, cachoeiras, até mesmo a televisão. Algumas perguntas possíveis a se fazer seriam: O que produz o som do mar? Qual é o som do mar quando as águas são tranquilas? E quando são agitadas? O que causa as ondas sonoras que ouvimos no mar? Quais são os sons que a vida marinha produz no mar? Como a poluição afeta os sons do mar? Quais são os efeitos das mudanças climáticas no som do mar? Quais são os efeitos das atividades humanas no som do mar? Como o som do mar se compara ao som de diferentes ecossistemas aquáticos? Como vocês reproduziriam o som do mar?

“Não é nada fácil captar e reproduzir a sonoridade desse líquido” (KRAUSE, 2013.) Como você o faria? Eu tentei, no primeiro áudio, simular a ideia do que seria o mar. Mas como o autor falou, não é fácil. Existem diferentes nuances, e representar todas tornou-se um desafio. Testar diferentes materiais e buscar o som do borbulhado, o que o vento faria em um dia de tempestade, as gotas de água que caem.

Figura 2 – Macaco assustado



Fonte: A autoria própria

Qual a paisagem sonora dessa ilustração? Como o macaco parece estar se sentindo? Quais outros sons podem compor esta história? Esta paisagem sonora acontece em qual floresta? Como será a nova paisagem sonora de lá? Você sabe qual o nome desse macaco? Como seria o som dele?

Em alguns biomas, como o Cerrado, o fogo se faz necessário, para a quebra da dormência de algumas sementes, somente a queimada natural para que a planta floresça. No entanto, as queimadas, de ação antropológica, não acontecem com esse objetivo, e sua consequência para a paisagem sonora da floresta é a perda dos sons fundamentais, sons que compõem a orquestra da natureza, de lá, rios secam, o vento já não soprará nas folhas, e o canto dos pássaros e outros animais deixa de existir por lá. Em termos de estética, já não existe mais como contemplar o som, a vista, os aromas. Quem lucra com isso? Certamente não são as gerações futuras, as comunidades próximas a regiões devastadas pelo desmatamento, os animais. Uma proposta prática para esse momento de reflexão, em coletivo, possibilidades de como podemos conservar os sons naturais?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio não foi simplesmente escrever, me encontrei com meu passado, guardado nos vídeos, lembranças da memória, e como já comentado, nem toda lembrança vai garantir uma sensação de alegria, muitas não garantiram. Me reencontrei com uma Letícia criança, que ainda sem muitas limitações da vida adulta (da cabeça adulta). Lembro bem, queria cantar para viver, viver para cantar. Depois de ler Vigotski, entendi que essa minha expressão musical, através das canções, poesias, pinturas, foi o que arrancou do meu peito muitas mágoas e saudades, me fez expurgar toda reflexões que tenho sobre a vida, a morte, a natureza dos acontecimentos que me constituem. Com as canções, alcei voo. Vivi para sentir e superar os sentimentos que guardo no peito.

A construção do memorial sonoro me colocou em posição de ação frente à teoria proposta por Schafer (1992) em seu livro, no capítulo que discorre sobre a limpeza de ouvidos, nos coloca para refletir auditivamente sobre a paisagem que nos cerca. Estas perguntas tiraram minha audição da dormência, de plano de fundo da vida e deram protagonismo a ela. O objetivo era de reconhecer e diferenciar os sons presentes no cotidiano e então transformar e criar, uma junção dos sons que marcaram e marcam minha história. Mas acabou sendo muito mais do que a construção de uma linha temporal sonora.

Ao vivenciar a experiência de escavar por registros percebi que foram os sons emitidos nos vídeos, que alcançaram e reuniram minha família para participar, por vontade própria, nessa experiência musical. Mais que isso, colocaram-nas em face a sensações suprimidas pelo luto, pela distância dos parentes. Durante o processo, esse movimento estético coletivo não me estava claro como uma forma de superação daquilo que não conseguimos dizer formalmente. Após o memorial, essa sensação me existia, e nas leituras de Vigotski uma sensação de “aaaaah” então era isso! me surgiu e começou a reorientar minha escrita através de outro olhar.

Minha avó, que hoje guardamos na memória, nos reuniu na terra enquanto família, e através do som de sua voz, que hoje ecoa apenas nas gravações, evocou o amor infinito que ela nos deu. Me recordou da infância, das conversas com ela, das risadas, da cantoria enquanto cozinhava. Maria Helena, ainda que sem nenhuma batida acompanhando, a voz dela soa como música em nossos ouvidos, as orquestras do cotidiano realmente são diferentes em casa. O tempo ritmado de sua fala, o timbre de sua

voz, a textura rouca, a lembrança das frases e risada que após esse contato com as gravações, ecoou novamente. Esse processo em si, foi a experiência estética, musical, ambiental que ultrapassou o próprio ensaio.

A construção sonora é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. É individual pois todos os ambientes que percorremos possuem sons que nos afetam de forma física (externa), e psicoemocional (interna), e coletiva pois os ambientes são atravessados por reações humanas, animais e todas as outras formas da natureza. Não somente, as experiências sonoras são compartilhadas entre as pessoas, mas percebidas de forma senciante por outros animais.

A educação ambiental crítica tem um papel essencial em como esta construção da musicalidade acontece, uma vez que vimos a importância dos atravessamentos que professores, e outros ambientes educativos possuem. Dessa forma, não se deve trabalhar com o intuito de mascarar a verdade que existe, ou negar a musicalidade que é de todas (os, es). Nosso compromisso é com a emancipação, em possibilitar o encontro, através da inquietação, do encontro com o desconhecido eu, outro, natureza, no respeito a diversidade de cosmovisões, e musicalidades não eurocêntricas, e na construção estética que valorize a apreciação, acima da moralização.

Este trabalho não buscou trazer verdades universais, nem resolver os problemas da educação musical escolar, ou da educação ambiental escolar. Ele surge da inquietação, da provocação sobre como nossa relação com os sons nos constitui, e como colaborar com o florescer da musicalidade dos estudantes através da atenção sonora pode ser uma possibilidade de integrar temas que já são integrados, mas foram fragmentados, compartimentalizados pelas instituições educativas formais. Dessa forma, existe ainda uma lacuna para aprofundamento destas reflexões.

REFERÊNCIAS

AGUDO, Marcela de Moraes. Educação ambiental crítica e psicologia histórico-cultural: aproximações iniciais para a educação escolar. *In: Anais do X Encontro Pesquisa em Educação Ambiental*. São Cristovão, SE: EPEA, 2019. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2019_anais/pdfs/plenary/0142-1-B-01.pdf. Acesso em: 9 fev. 2023.

AILTON KRENAK. **A vida não é útil**. São Paulo, Brazil: Companhia Das Letras, 2020.

ANDRADE, Maria Pires de; PICCININI, Cláudia Lino. **Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular**: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental. Juiz de Fora, MG: IX EPEA Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 2017. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0091.pdf. Acesso em: 9 fev. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. *In: Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2013, p. 534–562.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002**. Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei No 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

COSTA, César A, S, da; LOUREIRO, Carlos F, B. **Interdisciplinaridade e educação ambiental crítica: questões epistemológicas a partir do materialismo histórico-dialético**. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 111-124, jul./dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2007000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 fev. 2023.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.

GADÚ, Maria. **O Som do Rio | Episódio 1**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5eMzUd7t0E>. Acesso em: 10 fev. 2023.

KRAUSE, Bernie. **A Grande Orquestra da Natureza: Descobrimo as origens da música no mundo selvagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://img.travessa.com.br/capitulo/ZAHAR/GRANDE_ORQUESTRA_DA_NATUREZA_A-9788537811115.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

LOUREIRO, Carlos F. B. Problematizando conceitos: contribuição à práxis da Educação Ambiental. In: **Pensamento complexo, dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006a.

LOUREIRO, Carlos F. B. Educação ambiental e “teorias críticas”. In: GUIMARÃES, M. (Org.). **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas: Papirus, 2006b. p. 51-86.

LOUREIRO, Carlos F. B. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. In: **Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: UNESCO, 2007, p. 65–71.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: UNESCO, 2007.

MITHEN, Steven; MORLEY, Iain; WRAY, Alison; *et al.* The Singing Neanderthals: the Origins of Music, Language, Mind and Body, by Steven Mithen. London: Weidenfeld & Nicholson, 2005. ISBN 0-297-64317-7 hardback £20 & US\$25.2; ix+374 pp. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 16, n. 1, p. 97–112, 2006.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **A atividade musical e a consciência da particularidade**. Tese - Doutorado em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; OLIVEIRA, Daiane; MIRANDA, José Valdinei; *et al.* Os Signos Artísticos e a Educação Estética em Vigotski. **Educação & Realidade**, v. 47, n. e116929, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/twZJmyf4bK8V8vsVg6fY6kc/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins ; TRISTÃO, Rosana Maria. Música e Cognição. **Ciências & Cognição**, v. 9, p. 83–90, 2006. Disponível em:

<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/601/383>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PELIZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das Correntes em educação ambiental. In: **Educação ambiental : pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 17–45. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=eqz3taOyaH4C&lpg=PA17&ots=Xms_CdIuD&dq=SAUV%C3%89%2C%20L.%20\(2005\).%20Uma%20cartografia%20das%20Correntes%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental&lr&hl=pt-BR&pg=PR3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=eqz3taOyaH4C&lpg=PA17&ots=Xms_CdIuD&dq=SAUV%C3%89%2C%20L.%20(2005).%20Uma%20cartografia%20das%20Correntes%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental&lr&hl=pt-BR&pg=PR3#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 9 fev. 2023.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1992. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=uTGJ2ysBr6MC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>.

VIGOTSKI, Liev Semiónovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.